



MONUMENTA



Ministério
da Cultura



16



SÉRIE PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
MONUMENTA

MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO - ANTÔNIO PRADO

MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

ANTÔNIO PRADO - RS | 16

MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

ANTÔNIO PRADO - RS | 16

Créditos

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
João Luiz Silva Ferreira (Juca Ferreira)

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Luiz Fernando de Almeida

Coordenador Nacional Adjunto do Programa Monumenta
Robson Antônio de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

Redação e pesquisa
Rogério Furtado

Revisão e preparação
Denise Costa Felipe / Gilka Lemos

Design
Cristiane Dias

Diagramação
Fernando Horta

Fotos
Arquivo Monumenta/Iphan, Antônio Bocchese, Bento Viana, Cesira Barrueco, Graziotin Zanella, Luiz Bocchese, Luiza Bocchese, Palombini, Pietro Graziotin e Reinaldo Barrison

www.iphan.gov.br www.monumenta.gov.br www.cultura.gov.br

M533 Memória e preservação - Antônio Prado - RS. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009. 88 p.: il. color.; 15 cm. (Preservação e Desenvolvimento; 16)

ISBN: 978-85-7334-158-4

1. Antônio Prado (RS). 2. Patrimônio Histórico - preservação. I. Programa Monumenta. II. Série.

CDD 981.65

MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO

ANTÔNIO PRADO - RS | 16



Apresentação

Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta/Iphan na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta/Iphan se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em polos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

Algumas dessas experiências você vai conhecer agora.



Introdução

Provenientes do norte da Itália, os imigrantes que colonizaram o nordeste do Rio Grande do Sul começaram a chegar à serra Gaúcha a partir de 1875. Eram pessoas pobres e enfrentaram grandes dificuldades nos primeiros tempos, em que tiveram de derrubar matas e cultivar terras de montanha, com declives acentuados. Para suas construções, utilizaram madeira, pedras coletadas na região e tijolos artesanais. A madeira provinha principalmente da araucária – o pinheiro brasileiro, que existia em grandes quantidades na região. Entre outras, a cidade de Antônio Prado, centro importante de comércio entre fins do século 19 e começo do século 20, foi construída utilizando esses materiais.

Mais tarde, contudo, Antônio Prado sofreu alguns reveses, como a construção da BR 116 longe dos limites do município. Isso fez com que a cidade permanecesse quase isolada até meados dos anos 1980. O isolamento foi positivo do ponto de vista da conservação das construções históricas: o acervo pradense de casas de madeira, em meados da década de 1980, era o maior e mais bem-conservado do Brasil. Mas fatalmente desapareceria para dar lugar a edifícios, caso não fosse tombado. E foi o que fez o Iphan, apoiado por pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul, em 1987. Alguns proprietários dos imóveis tombados reagiram,



FARMACIA

FARMACIA
SALZEMEN
←

pois queriam ter ampla liberdade para demolir as casas antigas e utilizar os terrenos para novas construções. Em pouco mais de 20 anos, no entanto, o problema da resistência ao tombamento está amenizado e as novas gerações se dão conta da importância do patrimônio pradense. Inclusive como fonte de emprego e renda. O Iphan continua ativo na cidade, onde mantém escritório técnico para tratar dos assuntos relativos aos bens tombados.

O Instituto também colabora com a comunidade e com a administração municipal em várias circunstâncias. Foi por meio do Iphan que pessoas e entidades públicas e privadas tomaram conhecimento das possibilidades oferecidas pelo Programa Monumenta, que terminou por financiar vários projetos na cidade. Um deles teve como principais produtos um estudo aprofundado da memória histórica de Antônio Prado, assim como diversos materiais de divulgação de interesse turístico. Outros projetos resultaram na construção de uma sofisticada maquete da cidade, com recursos de som e luz computadorizados, destinada à educação patrimonial dos estudantes pradenses e à visitação pelos turistas.

Luiz Fernando de Almeida

*Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*

Reduto de imigrantes



Reduto de imigrantes

Até meados do século 19, a maior parte dos europeus ainda vivia em áreas rurais. Mas, a partir de 1840/1850, o avanço acelerado do capitalismo industrial começou a atraí-los para as cidades. A indústria em expansão precisava de mão de obra. E as fábricas não tinham dificuldades para contratar operários, embora os submetessem a péssimas condições de trabalho, a jornadas extenuantes e a salários de fome. Os trabalhadores vinham do campo, de onde levadas de camponeses eram expulsas de forma contínua devido à influência de fatores de ordem técnica, política e econômica. Ao mesmo tempo, a produção fabril alternava ciclos de euforia com depressões profundas, o que levava à dispensa periódica de grande número de empregados nas indústrias. Movidos pela esperança de escapar da miséria e da insegurança reinantes, milhões de pessoas trocaram a Europa pelas Américas. A migração foi intensa de 1850 até vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Perto de 3,3 milhões de estrangeiros desembarcaram no Brasil entre 1870 e 1920. Poucos voltaram a seus locais de origem ou se mudaram para outros países. Dos que imigraram, os italianos formaram o maior contingente:





1,4 milhão de indivíduos – o equivalente a 42% do total de imigrantes. Em geral, os italianos ficaram no sudeste do Brasil. Mas um contingente razoável, vindo das províncias do norte da Itália, resolveu tentar a sorte no sul, colonizando terras postas à venda pelo governo brasileiro. Os primeiros italianos a chegarem ao Rio Grande do Sul vieram em 1875.

Em 14 de maio de 1886, um grupo formado majoritariamente por italianos fundou a colônia de Antônio Prado, às margens do rio das Antas, na serra Gaúcha. Àquela altura, outros núcleos já haviam sido instalados na região serrana que atualmente corresponde aos municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul. A nova colônia de Antônio Prado, que se tornou município autônomo em 11 de fevereiro de 1899, ocupou posição estratégica. Pelo menos naquela época: a estrada Júlio de Castilhos, inaugurada em 1902, passava pelo centro da cidade e era a principal ligação entre diversos municípios da região, bem como do Rio Grande do Sul com os outros estados.

Muitos pradenses souberam aproveitar o momento favorável. Abriram pequenas indústrias, casas comerciais, hotéis e restaurantes. A economia em crescimento exigia melhoramentos nas vias de comunicação. A travessia do rio das Antas, na divisa entre Flores da Cunha e Antônio Prado, era

feita por balsa – um recurso precário. Além de insegura, a balsa tinha limitações de espaço. Sendo morosa, exigia paciência do usuário. Como se não bastasse, o equipamento flutuante não funcionava durante as cheias do rio, paralisando o movimento de cargas nos dois sentidos do trajeto. A interrupção do tráfego podia durar semanas. Uma ponte resolveria o problema, consolidando a rota da região nordeste do estado até Porto Alegre. Negociações com o governo do estado resultaram na encomenda de uma ponte metálica a uma empresa alemã. Mas a estrutura acabou sendo montada em distrito de Caxias do Sul, em 1907, para imensa frustração dos pradenses, que tiveram de esperar 60 anos para ter sua ponte, finalmente inaugurada em junho de 1968.

Para piorar a situação, na década de 1930, Antônio Prado ficou à margem do traçado da BR-116, uma das principais vias de ligação do estado com o resto do país. Sem a ponte e longe da rodovia federal, entre outros fatores, os pradenses viram seu comércio entrar em decadência. Pequenas indústrias fecharam as portas, assim como os hotéis e outros estabelecimentos, e muitas famílias saíram do município condenado à estagnação. O relativo isolamento de Antônio Prado manteve a economia local apática durante extenso período. Sem perspectivas de bons negócios com a construção e



venda de imóveis, os donos de casas antigas não se sentiram estimulados a removê-las do cenário.

Um conjunto de antigas edificações permaneceu incólume por anos a fio. Por fim, 48 delas, situadas nas principais ruas do centro da cidade, foram preservadas pelo tombamento decretado pelo governo federal no fim da década de 1980. Com os quintais e anexos, essas casas configuram espaços onde vidas familiares transcorreram e também são testemunhos valiosos de uma época. Fazem lembrar a fase inicial da ocupação do nordeste gaúcho e encerram técnicas construtivas trazidas ou adaptadas pelos imigrantes.

Na época, a contribuição dos imigrantes para a formação da diversidade cultural brasileira não era reconhecida. As políticas de preservação se concentravam nas marcas luso-brasileiras da nossa cultura, observa a arquiteta Ana Lúcia Goelzer Meira, superintendente regional do Iphan no Rio Grande do Sul.

Essa maneira de ver as coisas perdurou mais ou menos até 1970, quando o patrimônio histórico das áreas de imigração corria risco iminente de desaparecer em todo o Brasil. Pessoas preocupadas em salvaguardá-lo

procuraram o Iphan, que solicitou providências ao governo rio-grandense para conter a destruição em marcha. Como resposta, a administração estadual articulou o projeto Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos da Imigração Alemã e Italiana no Rio Grande do Sul, que envolvia diversas secretarias do estado, o Iphan e o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Essa movimentação culminou com a formação, em 1983, de um grupo de trabalho que reunia funcionários do Iphan e do governo gaúcho.

A equipe, coordenada por Ana Meira, localizou cerca de 30 núcleos de imigração alemã e italiana no estado e levantou dados sobre cada um. Nas áreas de influência italiana, tiveram prioridade os municípios de Antônio Prado, Santa Tereza e Garibaldi. O conjunto arquitetônico pradense era o maior e mais bem-conservado. O centro histórico continha uma edificação em pedra, várias em alvenaria rebocada e a maioria em madeira – representativas do ciclo de exploração da araucária na serra Gaúcha.

Havia também um notável patrimônio imaterial representado pela culinária, pelo artesanato e por várias outras manifestações culturais. Sobretudo, o *talian*, a língua dos colonos: mistura de dialetos, que inclui o vênето, o milanês e o toscano, com empréstimos do alemão e do português. Ciane





Fochesatto, diretora de cultura da prefeitura de Antônio Prado, crê que mais de 90% da população com mais de 30 anos fale o dialeto na região, que compreende dezenas de municípios e milhares de habitantes. Ela observa que, quando se trata de explicar alguma coisa, muitas das pessoas idosas preferem falar o dialeto. Na época havia até alguns falantes do *cimbro* – um dialeto que já estava extinto na Itália.

O grupo de trabalho permanecia ativo em meados dos anos 1980, quando ocorreu um fato providencial. A Valdomiro Bocchese Participações Societárias Ltda., acionista majoritária do Moinho do Nordeste, a maior empresa de Antônio Prado, pediu o tombamento da Casa da Neni, da qual era proprietária. A imagem desse sobrado de madeira enfeitado com lambrequins, situado na praça mais importante da cidade, ilustrava as embalagens dos produtos do Moinho. A atitude da empresa surtiu efeito: estimulou os interessados no tombamento do casario de Antônio Prado a atuar em conjunto, de modo resolutivo. Havia dois grupos. Um formado pelo pessoal do Iphan e o outro pelos integrantes do projeto Ecirs – Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas na Região Nordeste do Rio Grande do Sul. O Ecirs é um programa de estudos criado na Universidade de Caxias do Sul, em 1974, um ano antes do centenário da chegada da primeira leva de imigrantes italianos ao estado. Ana





Meira, do Iphan, declara que a equipe do projeto teve papel fundamental no incentivo e na instrução do processo de tombamento, assim como nos passos subsequentes. Ela, Lia Raffainer e Maria Cristina Hofer, colegas arquitetas, fizeram a coleta dos dados necessários.

O período que dedicaram a Antônio Prado foi marcante em suas vidas. Ana Meira conta: “Íamos para a cidade nos finais de semana. Uma rotina que durou bastante tempo. A viagem, a partir de Porto Alegre, consumia uma tarde inteira. Entre Caxias e Antônio Prado, o ônibus parava em qualquer lugar para embarcar ou deixar passageiros. Não era raro conviver com galinhas, pássaros e outros bichos que viajavam com seus donos. O trajeto, por estrada de terra toda sinuosa, em região serrana, era um espetáculo. Na cidade, desenhávamos o casario, tentando definir os bens que tinham maior relevância”. No entanto, havia dúvidas quanto à viabilidade do tombamento. Alguns se perguntavam: valeria a pena o tombamento nacional de monumentos relacionados a minorias étnicas?

Os preservacionistas finalmente venceram: o tombamento do centro histórico foi assinado em 1987. E também foram instituídas áreas de preservação permanente em seu entorno, nos morros e no chamado “mato





da prefeitura”. Mas não houve tempo para festejar. Inconformada, a maioria dos proprietários se uniu contra o tombamento, criando uma associação. Num primeiro momento acreditavam estar tendo prejuízo financeiro.

Ana Meira conta que foi a todas as casas para explicar o que era o tombamento. Algumas das proprietárias, idosas, gostaram da idéia porque protegia as casas construídas por seus antepassados.

Para reconciliar a população da cidade com sua herança histórica, o Iphan promoveu uma série de ações, dentre as quais a primeira ação intensiva de educação patrimonial realizada no país até aquele período. Vários recursos foram utilizados. O cartunista lotti, hoje muito conhecido no estado, foi “importado” de Caxias do Sul para colaborar no esforço educativo. Na época, o cartunista estava em início de carreira e trabalhava em jornal caxiense. Seus personagens despediram-se da publicação informando aos leitores que pretendiam conhecer Antônio Prado. E se hospedaram durante um ano em página de um jornal pradense. Uma das figuras dos cartuns, o Nonno, aparecia falando *talian* com pessoas da comunidade, inclusive com algumas que se opunham ao tombamento, sobre tudo o que dizia respeito à vida na cidade.







Logo depois de o casario ter sido tombado, o Iphan realizou uma exposição sobre Antônio Prado no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, com maquete da cidade. Foram projetados brinquedos destinados à educação patrimonial de crianças. Havia um quebra-cabeça com a imagem da Casa da Neni que contava a sua história e peças de madeira com as casas e os personagens do lugar para montar a praça central de Antônio Prado (a idéia da maquete foi retomada anos depois, conforme se verá mais adiante). Como ainda não existia o Inventário de Bens Culturais, a equipe do Iphan se limitou a trabalhar com alguns elementos da culinária pradense, lançando um folheto com receitas que estavam desaparecendo. O Iphan também publicou uma cartilha para crianças e organizou oficinas de educação patrimonial, envolvendo todas as professoras da cidade.

O Projeto Interação Comunidade-Escola, realizado pelo MEC em todo o país, serviu de base para a ação. Em Antônio Prado, havia sido conduzido pela Universidade de Caxias do Sul, que guardava grande número de informações sobre o município e sua história, recolhidas por professores e alunos da rede de ensino local – tanto da cidade quanto da área rural. Esse acervo foi recuperado para as oficinas de educação patrimonial, onde se percebeu que muitas pessoas tinham vergonha de cantar em dialeto ou de falar com sotaque italiano.





Em paz com sua herança cultural, depois das oficinas de educação patrimonial que haviam sido conduzidas pelas museólogas Maria de Lourdes Horta e Evelina Grumberg, da Coordenação de Acervos Museológicos da Fundação Nacional Pró-Memória, as professoras perceberam que seria bom ter um museu no município. O estabelecimento, utilizado também para ações patrimoniais, foi montado de acordo com o projeto museológico e museográfico de Maria de Lourdes Horta, ex-diretora do Museu Imperial, em Petrópolis. Simpáticas folhas didáticas com desenhos do lotti tratando de culinária, trabalho, religião, arquitetura, dialeto foram desenvolvidas junto com as professoras para serem distribuídas na orientação dos trabalhos antes, durante e depois das visitas ao museu com os alunos.

O esforço realizado deu ótimos resultados, segundo avaliação de Ana Meira: “Os jovens adultos de hoje, que passaram pela experiência de educação patrimonial, veem Antônio Prado de maneira diferente. As crianças também. Um bom exemplo foi dado em tese de mestrado sobre arte-educação, desenvolvida por uma professora que trabalhou com crianças pradenses durante dois anos. Como último exercício, ela pediu às crianças que desenhassem e descrevessem uma cidade ideal. Em todos os desenhos o que aparece é Antônio Prado. E uma das crianças disse que

queria morar em uma cidade que tivesse *shopping center*, interfonos e... casas tombadas!”

Com o tempo, descontados os renitentes, que estão longe de ser maioria, mesmo os cidadãos mais velhos aceitaram o tombamento. A associação dos proprietários se desfez pelo caminho, e vários dos ex-sócios atuaram satisfeitos, como figurantes, nas filmagens de *O quatrilho* realizadas na cidade, em meados dos anos 1990. Como se recorda, *O quatrilho*, premiado no Brasil, foi indicado para o Oscar de melhor filme estrangeiro em 1996. Aos poucos também caiu por terra a ideia, antes muito difundida, de que o tombamento impediria a economia local de deslanchar. Hoje, Antônio Prado é pelo menos três vezes maior do que era no final da década de 1980.

A despeito dos avanços, Antônio Prado pode tirar melhor partido de seu patrimônio para atrair visitantes. É no sentido de preservar e valorizar o patrimônio do município e de fazer do turismo uma fonte de renda importante para a cidade que algumas pessoas da comunidade têm realizado esforços permanentes, conforme se verá nos próximos capítulos. O próprio Iphan contribui de diversas maneiras, inclusive orientando os interessados em receber apoio do MinC por meio do **Programa Monumenta** ou dos Pontos de Cultura.

Projeto
ônio H
Naciona
ante
P
ônia
a

A
Nosso



Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Itinerante
Patrimônio da História





A dura transição

Com o século 19 não muito longe do fim, mudanças profundas sacudiram a Itália. Sob a imposição do Estado, o feudalismo deu lugar a uma nova forma de organização da sociedade. Era a vitória definitiva do capitalismo, que destruiu o modelo baseado na pequena indústria artesanal, cujo produto completava a renda familiar do agricultor. Ao mesmo tempo, houve alta dos impostos, anos de péssimas colheitas e importação de cereais a preços baixos. Como a densidade demográfica era elevada no norte da Itália, uma quantidade imensa de trabalhadores ficou sem ocupação. Nesse contexto, a emigração surgiu como a solução mais viável para o alívio das tensões sociais.



No outro lado do Atlântico, no Brasil, o regime escravista rumava célere para a extinção, enquanto o cultivo de café, a maior riqueza do país, aumentava com rapidez estonteante. A lavoura precisava de mão de obra. Então, o governo imperial e os fazendeiros saíram em busca de imigrantes europeus.

Os navios superlotados traziam, em condições muito precárias, levas de imigrantes em seus porões. A falta de higiene e muito calor em espaços exíguos, combinados com a insuficiência de alimentos, favoreciam o aparecimento de doenças e provocavam o debilitamento e morte de viajantes. Se optavam por dormir no convés, os migrantes ficavam sujeitos às chuvas e ao sol. Como também faltava água nos navios, pode-se imaginar a aflição de todos durante a travessia que, em condições normais, durava mais de um mês. Os primeiros anos na nova terra em geral foram difíceis e marcados por grandes esforços dos imigrantes para sobreviver.

Os italianos que se deslocaram para o Rio Grande do Sul foram direcionados ao nordeste do estado, região serrana, coberta de matas subtropicais, onde as famílias compravam propriedades de 20 a 30 hectares, segundo termos estabelecidos em lei. Os lotes adquiridos nas

sedes das colônias formaram núcleos que mais adiante deram origem às principais cidades da região. Após o recebimento do lote, derrubar as matas e construir residências, ainda que provisórias, eram as tarefas que se impunham aos recém-chegados.

O pinheiro araucária era a matéria-prima principal para as construções. Além de ser abundante, essa árvore apresentava características favoráveis: muito grande e de madeira macia, com fibras regulares, fácil de trabalhar. Por isso



foi empregada em estruturas, paredes, pisos, esquadrias e até na cobertura das casas. E os processos construtivos utilizados aqui pelos imigrantes e por seus filhos deram origem a uma arquitetura muito singular: tanto diferente da praticada em outras regiões do estado e do país, como da praticada em sua terra de origem. Foi uma arquitetura inventada aqui.

As residências primitivas foram construídas primeiro com tábuas rachadas, depois se empregaram tábuas serradas manualmente e, por fim, surgiram as serrarias, que deram um padrão uniforme às peças. Outros tipos de material também foram empregados nas construções, como pedras e os tijolos de barro cozido. Mas o que de fato predominou foram as edificações de madeira. Além da matéria-prima farta, a mão de obra era barata. E os mestres carpinteiros se mostravam muito competentes.

Atendidas as necessidades básicas do assentamento, seguiu-se a organização social dos imigrantes. O sistema de colonização empregado pelo governo brasileiro dividiu as terras em linhas ou travessões, e esses em lotes coloniais numerados. As divisões, normalmente feitas em mapas, não costumavam levar em consideração os acidentes geográficos. Na Itália, o colono vivia em pequenos povoados, onde o contato e as trocas

sociais faziam parte do cotidiano. A forma de organização do território das colônias no Brasil favoreceu o isolamento dos moradores. Assim, reduziram-se de modo considerável os contatos e a convivência em grupos. Os principais locais de encontro acabaram sendo os pontos de comércio, os moinhos e as capelas.

Após a construção de capelas ao longo das linhas, outros componentes iam sendo acrescentados ao local, como o campanário e o sino, o cemitério, o salão para as reuniões da festa do padroeiro, a escola, a cancha de bocha e, mais tarde, o campo de futebol. O campanário era um componente indispensável das capelas. Equipados com sinos importados, eram construções altas, para que seu som melhor se espalhasse pelos vales quando anunciassem as missas, a hora do ângelus, os falecimentos e as cerimônias fúnebres. A vida sociocultural do imigrante foi reconstruída tendo a religião como fundamento e as capelas como pontos de referência. Nelas e no entorno se desenvolviam atividades religiosas, de lazer e as da política, entre outras trocas sociais.

(Texto adaptado do livro *Memória e identidade*, Antônio Prado – Patrimônio histórico e artístico nacional, de Fernando Roveda.)

Cultura de colaboração



Cultura de colaboração

O Iphan instalou um escritório técnico em Antônio Prado logo após o tombamento do casario histórico e de seu entorno. No escritório, os profissionais da construção civil e proprietários de casas tombadas são informados sobre a maneira correta de conservar esses bens e sobre como proceder no caso de intervenções, para evitar que eles sejam descaracterizados. A representação do Iphan tem outras atribuições: analisa e aprova projetos de novas construções, fiscaliza obras e assume trabalhos de conservação quando os proprietários comprovam não dispor de recursos para tanto, de acordo com o que é permitido em lei. Vistorias periódicas nos bens tombados evitam que se deteriorem a ponto de exigir restauração, embora algumas obras dessa natureza sejam realizadas – geralmente em casas que haviam sido abandonadas pelos proprietários.

Além dessas tarefas que lhe são próprias, a educação patrimonial tem sido um tema recorrente na agenda dos representantes do Instituto na cidade. Em linhas gerais, muita coisa mudou para melhor nos últimos 20 anos, como declara Terezinha Buchebuan, chefe do escritório desde 2006: “A população começou a valorizar o patrimônio pradense, inclusive o imaterial. Mestres



de obras veteranos, por exemplo, continuam a construir casas de madeira segundo os métodos antigos, conversando em *talian*. E estão preocupados com o risco de desaparecimento das técnicas utilizadas que os jovens não se interessam em aprender. Percebemos, de tempos em tempos, professoras trabalhando com alunos pelas ruas da cidade. Fazem percursos, olhando as casas. Quando essas professoras nos procuram, nós as incentivamos a trazer seus alunos ao escritório para darmos explicações sobre o patrimônio, sua conservação e outros temas. Assim nos aproximamos da comunidade”.

A colaboração se estende às autoridades do município. “Já temos lei municipal que incentiva o tombamento voluntário de bens e o registro do patrimônio imaterial, que é muito valioso. O Iphan participou da elaboração desse e de outros projetos, como o disciplinamento da publicidade, cuja lei foi aprovada na Câmara de Vereadores. A prefeitura pretende construir uma perimetral para desviar o trânsito do centro histórico. Para esse projeto, o Iphan colaborou com relatórios sobre o impacto da passagem de caminhões pesados nessa área. Leis municipais também determinam a criação de um fundo de desenvolvimento do turismo e de um conselho do patrimônio municipal, no qual teremos assento. Para muitas pessoas, o Instituto deixou de ser considerado um entrave, e agora é visto mais como um aliado. Tudo

isso é consequência do diálogo que procuramos incentivar entre o poder público e a sociedade. Nesse sentido, sempre tentamos aproveitar qualquer brecha que surja”.

Foi assim que Antônio Prado ganhou um Ponto de Cultura, de que precisava para reavivar algumas de suas antigas tradições. Ciane Fochesatto, diretora de cultura do município, explica que a cidade teve vida cultural bastante intensa no passado, contando com grupos de canto, dança e teatro. Esses últimos desapareceram por volta de 1990. Ficaram alguns corais. Como Antônio Prado estava carente de atividades nessa área, o Iphan informou a prefeitura sobre os editais de pontos de cultura do MinC. A Secretaria de Cultura encaminhou o assunto e o **Ponto de Cultura: Saberes Locais e Vozes da Imigração** começou a funcionar em maio de 2008, em sala cedida pelo Iphan. Foram criados dois corais, um para adultos e outro para crianças, que cantam músicas em dialeto e em português. Houve também oficinas de trabalhos manuais destinadas a mulheres, que aprenderam técnicas centenárias de artesanato com linha e tecidos. Além do resgate da tradição cultural, o artesanato pode se tornar uma razoável fonte de renda para várias pessoas.











Nas oficinas foram ensinados o macramê, o ponto de cruz e o crivo. O macramê é uma técnica de tecer fios com os dedos. Os fios, cruzados, ficam presos por nós, formando desenhos geométricos, franjas e uma infinidade de formas decorativas. A técnica, que exige muita habilidade da artesã, foi trazida pelas imigrantes italianas e, até hoje, os trabalhos em macramê são muito apreciados pela delicadeza das peças produzidas. O crivo, que também veio na bagagem dos imigrantes, é um bordado manual feito em tecido, com agulha, linha e uma tesoura apropriada. O processo de trabalho é demorado, exigindo atenção da artesã. Contudo, ao final, o tecido comum pode ser transformado em belas toalhas, tapetes, cortinas e outras peças decorativas. O ponto de cruz é uma arte manual em que se utiliza linhas e agulhas para escrever ou desenhar em tecidos, com pontos em formato de cruz.

Em uma segunda fase, o Ponto de Cultura, além de manter os corais e o artesanato, está promovendo cursos de dança e de artes cênicas. Um pesquisador deverá recuperar textos de peças teatrais antigas, a exemplo do que foi feito com as músicas italianas, na primeira fase. É possível, inclusive, que algum texto venha a ser criado, tratando da importância de se preservar a cultura. As artesãs, por sua vez, continuam produzindo diversas criações



como hobby, na maioria dos casos. Mas depois de criar sua associação, o que as artesãs pretendem é estruturá-la para comercializar seus produtos em escala.

Antes de se tornar diretora de cultura de Antônio Prado, Ciane Fochesatto esteve envolvida com uma ação patrocinada pelo Programa Monumenta, destinada a incrementar o turismo no município. O projeto **“Desvendar Antônio Prado, Desvelar o Patrimônio: Divulgação Turística para Educação e Preservação”**, desenvolvido em 2006, foi realizado pela Associação de Turismo da Serra Nordeste (Atuaserra). A entidade também tinha como objetivo incentivar a população a gerar emprego e renda por meio do artesanato. O início das atividades foi precedido por pesquisa de opinião entre os pradenses, que preencheram 500 questionários. Dos participantes, 89% eram descendentes de imigrantes e estava de acordo com a preservação dos casarões e da cultura italiana. Além disso, 100% queriam mais estímulos ao turismo. Com razão. Antônio Prado, além do patrimônio histórico, tem mais atrativos. Estando na região serrana, e não muito distante de Porto Alegre (184 km), seu clima é ameno, seco e saudável. E as quatro estações são bem definidas ali, onde o inverno costuma ser rigoroso, com eventuais ocorrências de neve. Portanto, o projeto da Atuaserra estava bem ajustado ao que pensava a população.

As ações se concentraram no segundo semestre de 2006. No encerramento das atividades, em dezembro, Antônio Prado dispunha de nova cartilha de educação patrimonial, de material de divulgação em *CD-ROM*, de um site na internet e de um grupo de artesãos mais qualificados.

De acordo com uma das parceiras dessas ações, a geógrafa Ciane Fochesatto, as oficinas de artesanato foram realizadas segundo um modelo diferente daquele que seria adotado pelo Ponto de Cultura, em 2008. “Um consultor do Sebrae analisou o que as mulheres daqui faziam e deu indicações sobre o que seria uma identidade para os produtos locais, feitos com técnicas tradicionais, como o crochê e o macramê, entre outras. Além de qualificar o artesanato, houve a preocupação de auxiliar as mulheres na definição dos preços dos produtos, que é algo difícil para quem se dedica inicialmente ao artesanato como *hobby*”.

O *CD-ROM* com material sobre o patrimônio histórico e arquitetônico de Antônio Prado é distribuído em feiras de divulgação de cidades turísticas. Contém um *link* que permite o acesso ao *site* da cidade, mantido pela prefeitura. A inclusão da prefeitura e de órgãos públicos municipais foi a saída encontrada para a manutenção do *site* após o encerramento do projeto.



**Histórias e vozes
da cidade**



Histórias e vozes da cidade

Se não fossem os pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul e os técnicos do Iphan, Antônio Prado só teria hoje a igreja matriz, a casa da Neni, a prefeitura e talvez mais uma ou duas construções dos velhos tempos. Do resto não teria sobrado tábua sobre tábua, afirma, taxativo, Fernando Roveda, cidadão e pesquisador pradense. Roveda é administrador de empresas, com especialização e mestrado em turismo. Tem o forte sotaque do nordeste gaúcho e se orgulha de falar o *talian*. Também se diferencia de muitos de seus conterrâneos por estar engajado há anos na preservação do patrimônio local. Seu envolvimento com a questão começou em 1994, quando foi diretor de turismo do município e se deu conta de que não havia material para orientar os visitantes que quisessem conhecer realmente a cidade.

Pensando em eliminar essa carência, a partir de 1998, Roveda realizou amplo levantamento de fatos e dados relativos à história e à economia do município. As informações se acumularam ao longo de anos, enquanto ele aguardava uma oportunidade de explorar o acervo de modo prático, o que foi feito durante a execução do projeto **Memória e Identidade: Antônio Prado Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, apoiado pelo Programa Monumenta. Foi um

trabalho de fôlego, que resultou em livro que contém a história da cidade e a do casario tombado, além de análise da vida dos pradenses no passado. Ainda no âmbito desse projeto, foi produzido um mapa da cidade para uso dos turistas, um guia de visitação em CD e um audiovisual para educação patrimonial. E também foram colocadas pequenas placas nas casas, que todas têm nome, com depoimentos de herdeiros dos antigos proprietários ou de pessoas que viveram nessas residências. Em 2005, graças ao projeto, Roveda foi um dos vencedores, em nível nacional, do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido pelo Ministério da Cultura. “Sem o Monumenta, eu não teria como parar algum tempo e construir tudo isso”, ele declara.

Não satisfeito, Roveda decidiu ir em frente, englobando os projetos efetivados e os ainda por realizar, no que chamou de Plano interpretativo do centro histórico de Antônio Prado. A iniciativa seguinte foi o projeto **Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Itinerante**, que consistiu na construção de maquete do centro histórico pradense, na escala de 1:75. O “itinerante” vem do fato de que a instalação pode ser desmontada e remontada em outra localidade quando se tratar de eventos importantes para a divulgação do município. A maquete é de grandes proporções, com cerca de 40 metros quadrados, contendo réplicas das edificações tombadas.





O Programa Monumenta também liberou recursos para esse projeto, que foi realizado entre 2006 e 2007.

Para deixar ainda mais atraente o “passeio” pelo centro histórico em miniatura, em 2008, Roveda desenvolveu um projeto de som e luz, computadorizado. Nessa “caminhada” é possível seguir um roteiro, ou visitar as casas aleatoriamente. Qualquer que seja a edificação escolhida, o computador direciona um foco de luz sobre ela, enquanto aciona uma gravação que narra a história da casa. As vozes são de crianças das escolas locais. Há também réplicas dos sons ouvidos no ambiente antigo, como o do trotar de cavalos se aproximando de algum local do comércio. O projeto, financiado pelo Programa Monumenta, se chamou **Nosso Patrimônio, Nossa História: Vozes das Casas**. Em meados de 2009, tudo estava pronto para ser instalado, mas a maquete ainda estava montada em sala de uma das construções tombadas. Como o ambiente era acanhado, os equipamentos de som e luz não podiam ser colocados sobre a maquete, como se pretendia, e a instalação só podia ser vista por pequenos grupos de pessoas. Era preciso encontrar um espaço alternativo.

Por outro lado, o projeto teve um desdobramento. Como a feitura da maquete exigiu a tomada das medidas exatas das construções, também fotografadas

de todos os ângulos, foi possível planejar outro produto para o ensino de escolares e para venda a turistas, como souvenir: uma série de *kits* em papel, do tipo “pinte, corte e monte”, que representam casas tombadas. Embora haja dados completos sobre o conjunto histórico, apenas 11 casas foram escolhidas: sairia muito caro imprimir modelos de todas. E foi organizada uma oficina experimental com alunos selecionados das escolas para testar os *kits* e avaliar as dificuldades na montagem das casas.

Espera-se que o uso do *kit* se perpetue nas salas de aula pradenses. O material certamente enriquecerá o trabalho didático, se as crianças forem até às casas correspondentes aos modelos que receberam (em preto e branco) para observar suas cores. Depois, em sala de aula, poderão pintar os modelos e montá-los. Ao mesmo tempo, o professor deverá lhes dar explicações sobre a história do município e sobre a arquitetura colonial. Após a explanação, terá chegado o momento de irem ver a maquete, que lhes dará uma visão geral da cidade. Os *kits* também interessarão aos turistas, que poderão comprá-los junto com os ingressos para a visitação da maquete. Uma parcela do valor irá para um fundo destinado ao resgate e   valoriza o do patrimônio local. Outra parte será aplicada na confec o de novos *kits*.

Pelo visto, esse   só o começo da história da preserva o de Antônio Prado.



Endereços da memória



Endereços da memória

As casas tombadas em Antônio Prado foram construídas entre 1890 e 1940. Muitas têm dois pavimentos. Em algumas há porões e sótãos. O pavimento ao nível da rua serve, com frequência, para a instalação de lojas, de oficinas ou de estabelecimentos prestadores de serviços. Cada uma dessas construções passou por mudanças de características bem desiguais. Assim, além de residências, elas podem ter abrigado algum negócio, ou uma sucessão deles: clínicas ou consultórios médicos e dentários, lojas e oficinas diversas, hotéis, restaurantes, agências bancárias, bares, órgãos públicos etc. Em uma delas funcionou um cassino, até que certos jogos fossem proibidos no país. Nos quintais havia instalações para a guarda ou a criação de animais, hortas, pomares e galpões para usos diversos. Os *focolares* – fogões de chão, feitos com tijolos – não eram incomuns, assim como os poços para o abastecimento de água potável.

Em seu livro sobre Antônio Prado, o historiador Fernando Roveda descreve as casas tombadas e informa quando e por quem foram construídas, além de contar um pouco da história das famílias que as ocuparam, revelando detalhes interessantes. A casa Vitório Faccioli, de alvenaria, onde hoje está



instalada a câmara de vereadores, ganhou fama por ser a mais luxuosa da cidade. Vítório Faccioli enriqueceu em Antônio Prado, onde teve loja, moinho e uma fábrica de cerveja. Entre 1896 e 1900 construiu a casa, mas nunca chegou a ocupá-la com a família: preferiu alugar o imóvel para a administração municipal, que terminaria por comprá-lo em 1921.

A casa da Neni, conhecida por ter sido o primeiro monumento tombado em Antônio Prado, foi construída pelo ourives Antônio Bocchese, em 1910. Neni era o apelido de Joana Magdalena, filha do ourives, que manteve uma loja de objetos variados durante muitos anos no primeiro pavimento da casa. Em 1983, dois anos após seu falecimento, a residência foi restaurada. Mais adiante, em 1986, a casa seria utilizada como símbolo nas comemorações do Centenário da Colonização Italiana em Antônio Prado. E, em 1995, virou parte do cenário do filme *O quatrilho*. Atualmente ali funciona uma loja de produtos artesanais da região.

Em meio a tantos italianos, viveu um alemão, Alberto Meyer, que se casou com Maria Graciosa Citton, em agosto de 1900. O casal não teve filhos. Consta que Meyer era apaixonado por Graciosa e tudo fazia para agradá-la. Entre os presentes que lhe dava, havia roupas, calçados e outros artigos de consumo









que pedia a parentes para enviar da Alemanha. Em 1919, Meyer comprou terreno para fazer a casa que tem seu nome, em estilo germânico, mas com alguns traços latinos: o telhado era feito de pequenas tábuas de madeira (*scândoles*) e os beirais eram arrematados com lambrequins – ornamentos comuns na arquitetura de Antônio Prado. A casa era abastecida com água de poço e energia elétrica cedida por família vizinha, que tinha um gerador.



NECAR

SEVICIOS DE CONSTRUCCION
CALLE 12 N. 12-12
TEL: 02 222 2700
Daca

SCREENER

ALPIN
SERVICIOS DE CONSTRUCCION
CALLE 12 N. 12-12
TEL: 02 222 2700

FALLAJAS
SERVICIOS DE CONSTRUCCION
CALLE 12 N. 12-12
TEL: 02 222 2700

12

Qualita

Ne

d's

71A



Bem Vindo

SEDEX

Investimentos nas Ações Concorrentes do Programa Monumenta em Antônio Prado

Projeto

Nosso Patrimônio, Nossa História - Vozes das Casas

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado - CIBRAP

Objetivo

Promover o conhecimento da cultura, da história local e suas especificidades por meio de um sistema computadorizado de sons e luzes implantado na maquete produzida pelo projeto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Itinerante em 2006.

Atividades

Desenvolver sistema de software que permita a apresentação do espetáculo de sons e luzes na maquete do Centro Histórico de Antônio Prado, proporcionando o conhecimento da história local;

Selecionar, editar e gravar áudios com narrativas e depoimentos da comunidade sobre a história local e o Patrimônio Histórico;

Desenvolver projeto e imprimir *Kit* (pinte, corte e monte o Patrimônio Histórico) com as casas tombadas do Centro Histórico de Antônio Prado para disponibilizar aos visitantes.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 60.590,00	R\$ 15.350,00	R\$ 75.940,00

Período de execução

15/07/2008 a 12/01/2009

Projeto

Desvendar Antônio Prado, Desvelar o Patrimônio: Divulgação Turística para Educação e Preservação

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

ATUASERRA – Associação de Turismo da Serra Nordeste

Objetivo

Divulgar o patrimônio histórico de Antônio Prado, buscando a ampliação do número de visitantes e a geração de produtos de consumo e divulgação turística que fortaleçam a imagem do patrimônio tombado, gerando assim emprego e renda.

Atividades

Criar um informativo de divulgação do projeto e uma Cartilha de Educação Patrimonial para distribuição gratuita;
Promover divulgação cultural por meio de distribuição gratuita de *CD-Rom*, *DVD*, pôsteres e calendários.
Desenvolver *site* oficial com informações sobre o patrimônio histórico e arquitetônico de Antônio Prado e informações turísticas gerais.
Realizar duas oficinas de artesanato para qualificação dos artesãos, gerando produtos para a “Serra Gaúcha”.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 64.000,00	R\$ 16.000,00	R\$ 80.000,00

Período de execução

13/01/2006 a 09/10/2006

Projeto

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Itinerante

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado - CIBRAP

Objetivo

Construir uma maquete do Centro Histórico do Município de Antônio Prado para valorização e divulgação turística do Patrimônio Cultural do maior Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Imigração Italiana no Brasil.

Atividades

Levantamento fotográfico das 48 casas do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para referenciar a construção da maquete.

Construção de 42 bases de plataformas para montar a maquete.

Confecção das réplicas das 48 casas do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na escala de 1:75 em papel pluma.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$ 17.490,00	R\$ 4.510,00	R\$ 22.000,00

Período de execução

16/02/2006 a 12/11/2006

Projeto

Memória e Identidade: Antônio Prado, Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Financiador

Programa Monumenta/MinC

Realizador

Círculo Cultural Ítalo-Brasileiro de Antônio Prado-RS

Objetivo

Elaborar um guia de visitação, um arquivo de audiovisual e um livro para o projeto.

Atividades

Duplicar a matriz gravada do Guia de Visitação Sonorizado e do audiovisual.

Organizar e editar o livro Memória e Identidade: Antônio Prado, Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R\$68.971,52	R\$ 17.242,88	R\$86.214,40

Período de execução

10/12/2004 a 15/01/2005



MONUMENTA



Ministério
da Cultura

